

Contundente na defesa da honra

São João Del Rey (do enviado especial) — Tancredo Neves após se formar em advocacia, retornou à sua cidade natal e, depois de brilhar na carreira, aceitou o convite de Augusto Viegas para ser promotor de São João. Transcorria o ano de 1934 e em 1º de setembro, na edição número 412 do **CORREIO**, o mais influente semanário local, travou uma dura polémica com o vereador Cristovão Braga, do Partido Republicano Mineiro, que, em artigo assinado na **Tribuna**, o acusara de aceitar “favores do chefe político da região em troca do cargo que passara a ocupar. Quem folheia as páginas do **CORREIO** fica assustado com a veemência do jovem advogado Tancredo Neves. Em cada palavra, ao rebater as acusações, ele demonstrava em tom contudente que não admitiria, de forma alguma, que denegrissem sua imagem. Dirigindo-se a Cristovão Braga, desferiu, em tom emocionado, um ataque duro ao seu adversário. “Ao responder às acusações publicadas, de uma coisa estou absolutamente certo: não foi você, Cristovão, o autor daquelas asquerosas diatribes. Apesar de redigidas em vasconço e tresandar a toleima, ainda estão boas demais para serem de sua lavra. O teu cérebro de há muito que deixou de assimilar, incapaz de raciocínio, movendo-se lerdamente afixado por espessa ignorância”.

Sempre no mesmo tom, o promotor Tancredo continuou: “Por detrás do seu nome escondeu-se um covarde e digno gratuito agressor, que abusando de sua pacata e estolida necessidade, pretendeu enlamear-me com a bilis do seu figado putrefato”. Mais adiante, o jovem advogado revelava a sua disposição de enfrentar qualquer polémica, denotando já àquela altura, o seu espírito público: “Nunca fugi e jamais fugirei à

responsabilidade dos meus atos e atitudes. Quero discutir. Gosto da polémica. Nela me sinto bem. As pessoas do meu estofo não têm do que recear. Mas, por favor, ceda o seu lugar ao foli-culário ignóbil, a quem você está servindo de testa-de-ferro. Chame-o à liça para receber o que lhe é devido. Discutir com você é covardia e, mais do que covardia, é falta de caridade”.

Como é fácil de concluir, em sua juventude Tancredo de Almeida Neves, político que depois se consagrou pelo tom cauteloso que imprimiu aos seus discursos, era contudente. Na edição do dia 26 de novembro do mesmo ano, ele voltaria sua carga contra os seus acusadores. E não fez por menos, simplesmente os detratou: “Só as criaturas cretinas, os corações vis e as almas repelentes, conscientes de sua própria covardia, se sentem bem na torpeza, entre todos a mais repugnante, de atassalhar reputações de dentro da escuridão anônima”.

Neste artigo, Tancredo Neves — que confessava Sempre aos amigos que não se sentia bem no papel de promotor, que a profissão o obrigava a acusar pessoas quando o seu maior desejo era o de defendê-las — explica que aceitou assumir o cargo porque ele foi oferecido pelo “preclaro amigo Dr. Augusto Viegas, por intermédio do amigo distinto, Almir de Sousa”. Para elucidar todas as dúvidas sobre o caso, ele publica no jornal o discurso que fez ao tomar posse, oportunidade em que fez uma profissão de fé: “Assumo hoje a promotoria de São João, não a ocuparia se custasse uma partícula mínima que fosse da minha dignidade e só a exercerei enquanto ela não exigir sacrificios de minha honra. Se isso acontecer eu a deixarei, dizendo o que digo hoje: nunca prevariquei, não prevarico e espero em nome de Deus jamais prevaricar”.